



A actriz Maria Falcão, cuja companhia anda em *tournée* pelo país

N.º 226 Lisboa, 20 de Junho de 1910
ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:
Anno, 48800 réis — Semestre 24400 réis
Trimestre, 15200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA
Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director, CARLOS MALHEIRO DIAS.
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão *R. Formosa, 43*

PARFUM POMPEIA L.T. PIVER PARIS



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

do pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris



COMPANHIA DO

Papel do Prado

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundo de reserva e de amortisação ...	266.400\$000
Reis	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricacoes especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicacoes periodicas do paiz e e fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS.

270, Rua da Princeza, 276-LISBOA
49, R. de Passos Manuel, 51-PORTO

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numeros telefonicos:
Lisboa, 605-Porto, 117.



NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS



RIO DE JANEIRO

Hotel Avenida



O maior e mais importante do Brazil occupando todo o quarteirão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares

220 QUARTOS

Magnificas accommodacoes, saloes para visitas, leitura e banquetes. Diaria de 9\$000 reis para cima. Telephone 2873. Ender. telegraphico Avenida.

SOUZA, CABRAL & C^{ia}

AVENIDA CENTRAL, 152 a 162

Ponto de todos os bonds

Annexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arruallado da Capital com magnificas accommodacoes para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as afeicoes do couro cabeludo

L-DEQUEANT Pharmaceutico 38, Rue Cluguescourt, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve dirigir para todas as informacoes gratuitas

Em VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Sociedade fabricante

Discos



Acha de ser post- a venda o espendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: Alma de Dito, Sonho de raios e outros de double face ao preço de 18000 reis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 750 reis Ninguem os tem mais bem impressos, nem mais baratos. Pedidos a Casa Simplicia, Bicyclettes, discos e machinas fallantes, de J. CASTELLO BRANCO, rua do Socorro, 35-b e rua de Santo Antão, 32 e 34, quer para venda avulso como para re- vender.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre sibitomante e phisyonomista da Europa

MADAME

Brouillard

Diz o passado e e presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chironancias, chironologia e phisidologia e pela applicacao praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigney madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manha as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja-LISBOA.

Consultas a 18000 rs., 28500 e 38000 rs

O CONCURSO HIPICO DE PALHAVÃ

CONTINUADO DO
N.º ANTECEDENTE



—El-Rei felicitando o official hespanhol D. Martin Uzquiano, vencedor do Percurso de Caça. —El-Rei felicitando o tenente Silveira Ramos, vencedor da prova Omnium. —O sr. Jayme Alto Mearim, 1.º premio da

O concurso hippico acabou em 5 de junho, com duas provas brilhantes: a *Cerrida Nacional* e o *Percurso de Caça* em que tomaram parte os cavalleiros cuja dextreza ficára bem accentuada n'outras provas.

Os officiaes hespanhoes, que pelo seu denodo e dominaire, pela elegancia com que obrigaram os seus cavallos a saltar, mais d'uma vez ouviram os applausos do publico, portaram-se excellentemente na prova do *Percurso de caça* em que venceu um d'elles, D. Martin Uzquiano, no seu cavallo *Herbario*. O segundo premio coube ao tenente Silveira Ramos, no cavallo *Sweet*, o terceiro ao tenente Passos Callado, no *PolLad*, o quarto ao sr. Alto Mearim, na *Clematite*, o quinto ao alferes Hygino Barata, no *Eclair*, o sexto ao tenente



apresentação de Cavallos estrangeiros (cavallo Fatimello) 4—O alferes João Mendonça, 1.º premio da apresentação de cavallos nacionaes (egua Elsa)

Cifka Dua te no *Ruaphu*, o setimo ao tenente Silveira no *Scott*.

Os dezeseis obstaculos d'este percurso foram por vezes admiravelmente postos, merecendo por parte da assistencia as mais calorosas ovações.

Na prova *Nacional* inscreveram-se trinta e tres cavalleiros, que obtiveram a seguinte classificação: primeiro premio ao sr. Hygino Barata, no *Eclair*, segundo, sr. Delphim Maya, no *Quod Vadis*, terceiro, sr. João Mendonça, na *Elsa*, quarto, sr. Silveira Ramos, no *Scott*, quinto, sr. Afonso Botelho, no *Atalaya*, sexto, sr. Lusignan, no *Beduino*, setimo sr. J. Mendonça, no *Soba*, e oitavo, sr. Lucio Nunes, no *Almonda*.

O Turf Club ofereceu um jantar seguido de baile aos officiaes estrangeiros que as-





sistram ao concurso e ao qual presidiu o chefe do Estado; a Sociedade Hippica Portugueza tambem ofereceu um almoço na sua sede, tendo convidado todos os cavalleiros que tomaram parte nas corridas e outros amadores do *sport hippico*.

D. Martin Uzquiano e



Aspectos da assistencia



1—D. Celedonio Febrel, 5.º premio do «Grande premio de Lisboa». 2—O alferes Julio d'Oliveira 4.º premio do «Grande Premio de Lisboa». 3—O sr. Jayme Alto Mearim no percurso do «Grande premio de Lisboa». 4—O tenente Manuel Latino no seu cavallo *Brutus*.



D. Celedonio Febrel, os officiaes de cavallaria hespanhola, foram muito festejados e prometteram não deixar de concorrer aos torneios hipicos portuguezes que, como este, lhes hão de deixar grandes recordações.

Brilhantemente terminaram as provas do concurso que,

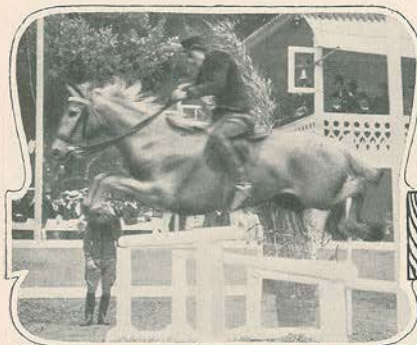


1—A tribuna real. 2 e 3—O concurso da elegancia em Patlavã.





Aspectos da assistencia



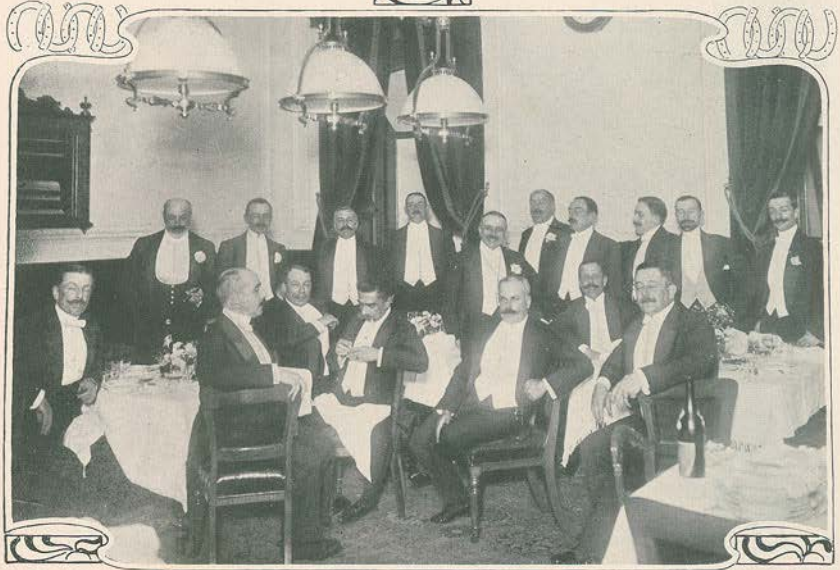
1—O tenente Hygino Barata, vencedor da Prova Nacional, no seu cavallo *Eclair*.
 2— O alferes Delfim Maya, 1.º premio da Prova Nacional, no seu cavallo *Quod-Vadis*.
 3—O official hespanhol D. Martin Uzquiazo, vencedor do *Percurso de Caça*.
 24— A passagem zia cancella no *Percurso de Caça*.



orgulhosamente se pode dizer, comprovou as grandes qualidades dos cavalleiros portuguezes, pondo tambem em destaque os dois officiaes hespanhoes, que d'uma forma tão distincta e gentil n'elles tomaram parte sempre, sendo saudados pela assistencia elegante das provas hipicas com o maior entusiasmo.



O concurso foi a affirmação cabal de que os grupos de cavalleiros nacionaes farão boa figura no estrangeiro, onde devem concorrer, pois sem duvida evocarão os feitos dos grandes picadores portuguezes, cuja fama não se perdeu, e voltarão decididos a novos trabalhos que lhes garantirão novos triumphos.

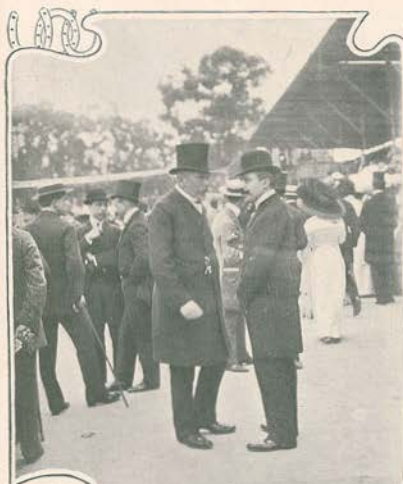


1—A meza real no banquete do Turf-Club, em hoara dos officiaes hespanhoes.
 2—Outro aspecto do banquete do Turf-Club.





El-Rei cumprimentando as senhoras n'um dos intervallos das corridas
(Clichés de Benoliel)



ceram todos os que se distinguem na alta roda e os proprios politicos não se eximiram a assistir a algumas das provas do concurso. Os presidentes das Camaras dos Pares e dos Deputados, srs. condes de Bertlandos e Penha Garcia, ali esqueceram por momentos o grande trabalho dos seus cargos n'um periodo agitado. Tambem o sr. dr. Antonio Emilio d'Azevedo, juiz de instrucção criminal, dando treguas á sua missão, por umas horas seguiu com o maior interesse as phases do concurso em que tantas surpresas se fizeram.

Homens da finança, litteratos, artistas, medicos conhecidos, não deixaram de ir, pelo menos uma vez, assistir aquellas provas brilhantes e olhar as tribunas engalanadas pelas mais formosas senhoras de Lisboa.

Naturalmente no proximo anno renova-se o espectáculo que foi um verdadeiro successo e o campo de corridas, animado pelos cavallei-



A par de todas essas vantagens para o desenvolvimento do *sport*, ha ainda a recordação das bellas reuniões mundanas que ali se realisaram.

Senhoras da nossa primeira sociedade encheram as tribunas, sendo d'um lindo effeito esse conjunto admiravel das *toilettes*, os soberbos chapéus, tudo n'uma nota de elegancia que foi um dos mais bellos aspectos d'essas tardes, que deixaram saudades. Appare-



1—A politica no concurso hippico
Os presidentes das Camaras dos Pares e dos Deputados, condes de Bertlandos e Penha Garcia
2—O juiz de Instrucção Criminal no Concurso Hippico
O dr. Antonio Emilio de Azevedo em Palhava

(Clicks de Benoliel)



3 e 4—Aspectos da assistencia em Palhava

ros, cheio de sol, sob os olhos das lindas mulheres, apresentará ainda o aspecto inolvidavel de ha dias, tão cheio de belleza e do alto encanto que lhe deram os *rendez-vous* mundanos. São estas as impressões da festa por todos os motivos sensorial e que tantas recordações deixou.

THEATRO DE AMADORES



Meus senhores em scena! Panno acima!

Nos camarins estreitos o caracterisador pincelou as caras, pegou as barbas, cavou olheiras, erriçou os crepes dos bigodes.

O estreante sente a cara arrepanhada pelo verniz, veem-lhe zumbidos aos ouvidos, vae meio tonto para a scena com medo de não fazer bem as passagens ou de não ouvir o ponto. E' sempre uma cousa tragica, a iniciacão d'um amator dramatico, embora seja feita na mais patusca das comedias.

N'um theatrinho particular, um dos que receava não ouvir o ponto achegava-se para o buraco e lançava olhos aterrorisados para a sala, fixava-se, parecia espegado.

— Agora, tu... Vá, Julião... — dizia-lhe o ponto espavorido d'aquella immobillidade. E o pobre rapaz exclamava:

— Agora, tu... Vá Julião... repetindo assarapantado a advertencia que o outro lhe fazia.

Mas ás vezes começa-se por brincar-deira, sobe-se para as taboas a tremmer, cheios de receio, e acaba-se por entrar no theatro a valer. Larga-se o escriptorio, a officina

ou a repartição por esse exhibicionismo da scena e de cada cem que o fazem só um triumpho em toda a linha. O peor mal do amator dramatico é quando se lembra de ser actor. Alguns teem um publico restricto de amigos, de admiradores, formado por camaradas do emprego, por gente da sua rua, por frequentadores do club, que lhes fazem presentes e surpresas, n'uma grande manifestação de estima. Quasi sempre com a sua visão de homens da scena, porque, deixemo-nos de illusões, os



1—Cecilia Machado, amadora dramatica 2—Cesar da Rocha, um dos mais distinctos amadores dramaticos de Lisboa 3—Cecilia Machado, actriz do D. Maria 4—Os amadores interpretes d'«O Barro do Sr. Atacade», no Club do Calvario (Cliché de Benolich)



amadores collocados n'aquella categoria tem sempre a impressão de serem artistas, julgam que irão deslumbrar o resto do publico, fazerem-se glorias do theatro e deixando de ser bons amadores tornam-se em pessimos actores.

Ha, porém, os que ficam sempre dentro do restricto ambito dos seus theatrinhos, os que não se deixam morder pela tarantula d'uma vaidade que leva a uma vida de incertezas. São os amadores... os verdadeiros amadores que nós vemos nas platéas dos theatros olhando sofregamente os actores de renome, ap-

nhecer, desejam apenas vê-los de longe, embora lhe guardem os retratos, assistam ás suas festas, façam d'elle um idolo. Se muitos dos artistas soubessem a idolatria que tem por elles estes amadores... No entanto a maioria tem o intelligente criterio de nunca se exteriorisar em uma admiração deante do vulto querido e d'ahi talvez façam como aquelle homem superior, lido e soberbo, que sendo apresentado a Eça de Queiroz em Paris, dizia friamente:

— Ah! muito prazer... V. ex.* é portuguez ou brasileiro?... Sabia de cór paginas inteiras



plaudindo-os sem os quererem imitar, dizendo-nos com soluços naturaes no final do acto:

— Oh! magistral... magistral este Augusto Rosa!... Como elle disse aquillo!...

Não procuram approximar-se do artista, não o querem co-



A amadora Luiza Pereira no papel de *Rosa Esqueitada*, de D. João da Camara.—(Clichés Vasques)

1—A amadora Esther Pereira, no papel de *Marquesa*, na peça *A Sereia*, de Julio Dantas
2—A amadora Laura Silva na peça *Os velhos*, de D. João da Camara

da *Reliquia* e dos *Maias* e tinha no seu coração um culto enorme pelo romancista.

Outros amadores dramaticos—esses não são os que mais se distinguem no palco—enchem-se de desdens. Deante d'uma grande peça sonham em interpretar o protagonista e copiando o gesto e o tom da voz do artista representam no julgando-se-lhe eguaes, e é vê-os arvorando desde logo exterioridades de quem deseja ser notado desde a maneira de andar á fórma do chapéu.

Os mais sympathicos d'esses rapazes de que Lisboa está cheia, que tem os seus theatrinhos, os seus clubs, fazem as suas festas e se divertem, são os desprezenciosos e muitas vezes—quasi sempre mesmo—é entre elles que está o de valor. Houve mesmo n'um determinado periodo amadores de fama, cada um em seu genero, cançonetistas graciosos, comicos muito aproveitaveis, galãs de getto, que um dia deixaram de se apresentar ao seu publico restricto, se concentraram mais nos seus empregos, guardando todavia as recordações mais agradaveis, ao lado d'outras d'um grande imprevisto e que ao serem evocadas os fazem ainda

sorrir. Dois amadores rivalisavam deante do seu publico. Dedicavam-se ao genero comico e ambos appeteciam um papel determinado em certa comedia que faria o successo d'aquella noite, lhes attrahiria os olhares das mulheres, lhes daria um nadinha de gloria aos seus lindos olhos. Finalmente deitou-se a sorte e o feliz começou a ensaiar. O outro andava cabisbaixo, soffria d'aquella exclusão da sorte como se soffre d'um violento pesar. O comico tornára-se n'um tristonho personagem de tragedia antiga; os amigos inquietavam-se, buscavam consol-o. Um dia, porém, vieram-lhe as côres, chegou-lhe o brilho aos olhos, entrou a falar mais; parecia que tinha uma alma nova, e no dia da recita, quando o feliz rival entrou em scena, prompto para fazer rir com a primeira piada da peça, do outro lado appareceu elle caracterisado, vestido, dizendo a primeira phrase e promptinho a interpretar o papel dos seus sonhos, a dar a replica á caracteristica, emfim a ser o heroe da noite. Calcula-se quanto augmentaria em graça a comedia com semelhante episodio, que ia tendo um mau fim, porque aquelles homens caracterisados, as caras traçadas n'uma expressão comica, as cabelleiras grotescas, as barbas ridiculas, iam disputando furiosamente a murro a honra de fazer rir o seu publico.

Mas se ha episodios de comedia de que os amadores do bom tempo faziam sem querer cousas sérias, ha tambem scenas de drama que se tornaram d'um



irresistivel comico. Na parte mais interessante d'uma alta acção, dramatica em que o galã, d'olhos em alvo, vae dizendo o seu grande amor á ingenua, tomando-lhe as mãos, até ao beijo revelador da paixão de ambos, ouve-se um tremendo borborinho nos pobres bastidores; um homem entra de bengala em riste, terrivel e de grande pança postica. Na platéa, diz-se: — E' o pae... Bem feito papel, sim, senhor...

Mas já o galã tinha a cabeça partida e a ingenua caia com um desmaio.

Qual pae!... Era o pae lá em scena, mas na vida real era o marido da amadora e não lhe tinha soado muito bem aquelle beijo dado a valer na face de sua mulher.

Outras vezes é uma arma que não desfecha. Isso succede innumeradas vezes e tem dado logar a episodios que andam ahi na bocca de todos os amadores dramaticos.

Em certa scena tragica em que um bandido, cynico e odiado, tinha que ser morto, o vingador preparou a arma, gritou a phrase sacramental:

— Miseravel, recommenda-te a Deus! — e depois de lhe expôr todos os seus crimes, deshonra de meninas, roubos de heranças, assassínios committidos na calada da noite—acabou ofegante: Vaes morrer!...

Ha um fremito na platéa. — Sim! Vaes morrer!... Cada um segreda lá no seu intimo:



1—Um amigo dos amadores: O sr. João Mendes distincto ensaiador theatral
2—O amador sr. Francisco Ju icibus no papel e Custodia da Severa, de Julio Dantas
3—Os interpretes d'Os Peraltas e Socias, n'uma recita de carnaval do Club Recreativo



1—A amadora, depois actriz D. Nanette de Sousa, na revista *No Paiz do Sonho*



—E' bem feito! E' bem feito!... Já a arma está apontada, mas o gatilho não se move, não se ouve a detonação e o pobre vingador diz para o outro em voz baixa:

—Cae... cae...— e logo em voz alta, repete, furiosamente: — Vaes morrer, bandido!...

O outro estende-se ao comprido, no que se chama uma boa queda, e um espectador exclama:

—E' a primeira vez que vejo' a polvora sem fumo... e silenciosa.

Tudo isto recordado por aquelles que assistiram a estas scenas, é, na verdade, curioso na historia das recitas particulares da classe media, mas, a par de tudo isto, quantas puras impressões d'arte não



2—O amador sr. Jorge Grave no *Kean*, de Alexandre Dumas;
3—Os interpretes da opera *Dinah*, musica do maestro Taborda, letra de Arthur de Carvalho, no Club do Calvario



de representar o papel:

—«E' tua a minha filha... Sejam felizes.»

Por fim elle, levantando-a para casa bem abafada na capa e com a familia atraz, diz-lhe:

—O' dona fulana, e se nós repetissemos a scena do casamento...

—Oh!... Mas a peça vae mais vezes?!

— Não sei... Sei apenas que lhe offereço a minha mão—exclama n'uma reminiscencia da personagem.

E casa-se a valer, depois de ter casado a fingir bastas vezes no palco.

Isto é n'este tempo, porque antigamente a cousa era mais romantica. O Cesar Lima, por exemplo, raptou uma noite do theatro D. Fernando, da rua do Olival, a amadora Marianna, engommadeira, que

Os amadores Manuel Gonçalves e Benjamin Barrento na peça do theatro Livre *Dôr que ensina*, do sr. Bento Faria

teem sido dadas. Quando a policia prohibiu uma peça do theatro livre foi uma sociedade de amadores que a representou e com todo o fogo de quem sabia bem a acção que estava praticando, a responsabilidade que tomava, a importancia d'esses papeis lidos com amor e com amor representados. N'esses palcosinhos particulares tambem quantas vocações teem nascido! Se é uma pessoa que se contenta em ir devagar, sem a trombeta do reclamo, se tem dentro em si a chamma e confia na sua força vence, mas quantas vezes apenas tudo isso é nos amadores uma illusão. Ha todavia, entre elles, um exemplo flagrante do talento e vontade d'uma amadora tornada uma excellente actriz: Cecilia Machado.

Em 1896 representava na Academia Recreativa Portugueza, da rua dos Mouros, no grupo dramatico Estrella, em 1900 estreava-se no theatro Normal e todos sabem o que tem sido a carreira da artista, embora muitos ignorem o que foram os seus triumphos de amadora.

Mas se uns revelam as vocações para a scena a valer com toda a sua bohemia, outros, muitos mesmo, acham nas sociedades particulares 23 vocações para o matrimonio.

Aquillo começa por um olhar nos ensaios, depois porque elle diz com certo entusiasmo a sua declaração e ella se ruborizava um pouco além do que pedia o papel. Casam algumas vezes em scena no fim do drama, ante o gesto paternal do amator encarregado



A amadora dramatica sr.^a D. Luiza Cabreira na *Gina d'O Burro do sr. Alcaide* (Cliché Benohel)



O amator dramatico sr. Luiz de Souza na comedia *o Rapto de Proserpina*

fazia de Ignez de Castro e levou-a, mesmo de manto e corôa, sobre a pileca que alugara para a travessia, enquanto os espectadores berravam:

— Ignez de Castro! Ignez de Castro!...

E n'essa noite a *mizera e mesquinha* não morreu em scena, porque o rapto dera-se na altura do segundo acto.

Estas cousas do velho tempo, com seu sabor de esturdia, já hoje não succedem, pelo menos com esse pittoresco de cavalgadas por deshoras, levando nos braços uma engommadeira disfarçada em rainha e que no balanço da corrida dizia ao actor-bohemio, toda afogada em paixão:

Cesre... meu Cesre...

De tudo isso ficou apenas a recordação patusa com de tantas outras scenas; enganos de phrases, cacophonias extravagantes, entradas fóra de tempo e ainda o recurso do celebre amator dramático da anecdota conhecida.

Era n'uma scena de tuques, um d'esses dramas destinados quasi exclusivamente a amadores, antes das audaciosas representações das grandes peças, que depois veio. A mulher d'olhos esgazeados, tremula, temendo ser surpreendida a lêr uma carta d'amore pelo marido, que se avizinhava, devia queimar-a. Seria a reveladora noticia da sua infidelidade aquella carta cujas cinzas elle veria. Mas—oh! esquecimento fatal— não es-



1—O amator dramático sr. Julio Burgos, no monologo *O Tremor!* 2—Os amadores dramáticos sr. Alvaro Quintão e D. Gertraudes Quimão no drama lyrico *Catharina da Russia*, representado no Club Recreativo Luzitano 3—O amator dramático sr. Julio Burgos, na cançoneta *Mazalipato*

tava em scena a vela que devia consumir o papel. A amadora, já experimentada, correu ao fundo, amarrotou a carta, balbuciou:

—Meu Deus... Estou perdida... Elle vem ahi...

Ahi! Já sei...—e n'um rompante rasgou a carta na impossibilidade de a queimar.

Entretanto, lá dentro, todos cercavam o amator, que devia entrar



e exclamar convictamente: «Cheira aqui a papel queimado...» Seria o principio da descoberta d'aquella infidelidade.

—Olha (que não está lá a vela... Vê lá o que dizes... Vê lá o que fazes...—avisavam-no cuidadosamente.

E elle, sorrindo, desdenhosamente, volvia:—O a... Ha um recurso não vês... Então eu sou tolo?!... Entrou na scena, fixou a mulher, pôz o dedo no nariz, aspirou fortemente e com ar finório bradou:

—Senhora!... —O que... O que...?! —balbuciava ella na dolorosa expectativa. E

o homem, n'um arranco gritou:

—Cheira aqui a papel rasgado!...

A platéa riu, os collegas riram, a piada do recurso ficou, o que não impede que alguns amadores dramáticos por vezes os tenham arranjado tão brilhantemente como os mais experimentados artistas.

No meio de tudo isto, d'estas recordações ligeiras dos theatros pa-



1—Os amadores interpretes da peça *Lancha Favorita*, representada no Club do Calvario, estando no primeiro plano á direita o sr. Gaspar, ensaiador da musica, e no ultimo plano á esquerda o sr. Marinho da Silva, auctor da letra da peça



- 2—A amadora dramatica D. Maria José Antunes, na peça *O Saboyano*, no Club Recreativo Luzitano
 3—O amator romatico sr. Rodrigues Vieira, na comedia *Esperanza Feminina*
 4—O amator dramatico sr. José Guedes na canconeta *Viagem ao Tsvol*.

ficulares, quem ha por ahí que não tenha sentido, pelo menos uma vez, a tentação de subir a um palco, de ser visto por uma platéa, repetindo com a arte, que sempre se julga possuir em alto grau, um papel de feição?! Quem nunca a sentiu que lhes atire a primeira pedra e continue a ir ver os amadores dramaticos, que são ainda os mais interessantes e sympathicos de todos os amadores, tanto quando nos fazem rir, como quando nos fazem sentir um fremito d'arte, e até—porque não dizel-o—quando se integram na tragedia!

E, agora, meus senhores, panno abaixo!

ROCHA MARTINS.

Moda



Vestido de passeio, criação da casa Beer
(Chê Félix)



Creação da casa Beer
(Cliché Felix)

Uma das modas que está fazendo sucesso é a das tunicas que dão efeitos imprevistos e cujo supremo *chic* vem da originalidade, usando-se muito as de setim preto cobertas de tulle. Os vestidos tem os casacos compridos e as saias muito justas, usando-se n'ellas uns bordados em baixo à maneira de barra. Os manteletes finamente bordados e leves, condizendo com os ornatos dos vestidos, estão também em moda e usa-os com extrema graça mademoiselle Bignon.

Mademoiselle Greuse poz em voga os vestidos simples com ornamentação

a ouro no pescoço, peito e nas mangas curtas, apertados por lindo cinto também em palhetado de ouro e que se tornaram moda para senhoras solteiras. As saias são porém mais largas que as ultimamente postas em voga pela casa Beer e que publicamos.



Vestido de cerimonia,
criação da casa Martial & Armand
(Cliché Felix)

A CULTURA DA CANNA DO ASSUCAR NA MADEIRA

O artigo que com este titulo publicou esta revista no seu numero de 6 do corrente deu lugar, com manifesta injustiça, a interpretações que por completo desfiguram as intenções que presidiram á sua redacção. Não pretendeu a *Illustração Portuguesa* mais do que trazer um subsidio photographico interessante á questão deflagrada pelas exigencias da casa Hinton, dando aos seus leitores variados aspectos da plantação de canna na Madeira e de algumas das fabricas que exploram a industria saccharina. Houve porém quem visse nas singelas palavras que acompanhavam essas photographias uma de feza, ainda que discreta, aos interesses d'essa

cas, o fabrico do assucar e da destillação de canna na Madeira.

Ha porém, atravez de toda esta questão memoravel, um aspecto a que as mais apaixonadas opposições politicas não puderam deixar de prestar uma attenção benevolente. E' o da importancia que assumiu n'aquella ilha, depois da destruição das vinhas pelo phyloxera, a plantação da canna do assucar, a qual representa a quasi totalidade da riqueza agricola da sua população. Foi esse aspecto que o artigo da *Illustração* se propoz divulgar, nas suas relações de dependencia da industria extractiva, e sem outro proposito do que o de trazer o sub-



Esta photographia mostra a invasão dos

propios quintaes pela canna de assucar
(Cliche do sr. A. S. Balreira)

industria poderosa, cujas reclamações imprudentes assumiram, no caso Hinton, um tom de ameaça a que o parlamento respondeu com a opposição a mais vehemente, obrigando o governo, até ali intimidado pela arrogancia do industrial inglez, a desistir do projecto de lei com que se compromettera a satisfazer-lhe as reclamações imperiosas.

A questão Hinton, no seu duplo aspecto moral e economico, acha-se demasiado esclarecida perante a opinião publica para que algum possa ousar enredal a ou obscurecê-la em sentido favoravel aos interesses do industrial que pretendia monopolisar em condições de excepção, valendo-se de todos os expedientes, desde as recommendações reaes ás notas diplomati-

co photographico a uma questão que, por tantos titulos, engrandecida por escandalosas revelações que envolveram os nomes de individualidades politicas em destaque, logrou apaixonar a opinião publica, despertando entre um povo submisso de espoliados um movimento energico de revolta contra as prepotencias dos exploradores da sua miseria.

O proposito permanente d'esta revista em não intervir em nenhum pleito politico torna necessario este esclarecimento, tanto mais tratando-se de um incidente em que seria menos honroso deixar suppôr, sem protesto, que ella concorria, embora involuntariamente, para fortalecer os argumentos interesseiros de um industrial contra os argumentos patrioticos da nação.

A RECITA DE AMADORES

E. M. MARIA



D. Thereza Valente
(Taboira).
Interprete de *Sonhos de Bal*
(Cliché Vasques)



D. Maria Amelia Burnay
de Macedo (Marco)
interprete do *Sauzer de Ba*.
(Cliché Cardoso & Correia)

A linda festa aristocratica realisada no theatro D. Maria e cujo producto reveste a favor da Escola de Nossa Senhora da Graça teve, alem dos seus aspectos interessantes e artisticos dos côros e do esplendido quadro dos leques, partes bem dignas d'essa recita sensacional. Foram d'este numero os solos cantados pelas sr.^{as} D. Ermelinda Cordeiro, D. Marianna Castilho e D. Ascenso da Siqueira Freire e o magistral duo de harpa e violino pelas sr.^{as} D. Marianna da Graça Reynolds e D. Maria da Graça Reynolds, executado magnificamente o que fez as delicias da elegante assistencia.

rianna Castilho e D. Ascenso da Siqueira Freire e o magistral duo de harpa e violino pelas sr.^{as} D. Marianna da Graça Reynolds e D. Maria da Graça Reynolds, executado magnificamente o que fez as delicias da elegante assistencia.



1—Os cartazes annunciadores os leques animados
(Cliché de Benolich)
2—D. Marianna Reynolds
3—D. Maria da Graça Reynolds—(Clichés Redondo)

Uma das notas mais bellas d'essa festa foi ainda a dada pelas canções portuguezas d'uma soberba maneira. Entre ellas destacava-se a intitulada *Noite de S. João* e cuja lettra era do sr. Emilio Schiappa Roby com musica do sr. Stuart Torrie e que foi cantada pela sr.^a D. Marianna Castilho e pelo sr. D. Manuel Mesquitella.



A FESTA DE JOSÉ BENTO



José Bento d'Araujo, pelas suas tradições notáveis, pela sua maneira de ser, pelo seu arrojo e arte, tem muitos amigos e admiradores que não deixam nunca de assistir á sua festa annual no Campo Pequeno, cobrindo-o de applausos e enchendo-o de brindes.

Este anno a festa do exímio cavalleiro tauromachico realisou-se no domingo 12 de junho. Além do festejado, tomaram parte na lide o espada *Bienvenida*, tão apreciado pelo publico, que fez um



- 3—Um salto de um dos saltadores landezes
 4—O debut de um cavalleiro; Adolpho Machado n'uma sorte á garpa
 5—*Bienvenida* no frastejo de capote
 (Clichés de Benoliel)

alguma, desmerecer a festa do arrojado cavalleiro, que tantas sympathias conta entre os affeiooados ao toureiro.

Ouviu muitos applausos, após o incidente, sendo o seu trabalho magnifico, feito com arte e denodo, com uma serenidade que agradou e levou os espectadores a festejar-o enthusias-ticamente.

José Bento, com a sua festa, despediu-se do publico de Lisboa, pois parte dentro em breve para o Pará onde o esperam novos triumphos.

- 1—José Bento d'Araujo
 2—O cavalleiro José Bento citando o touro

magnifico trabalho, os bandarilheiros Cadete, Francisco Xavier, Ribeiro Thomé, Maera e *Panleret* e o cavalleiro Eduardo de Macedo.

Apresentou-se tambem o amator sr. Adolpho Machado, que se mostrou denodado e mettu alguns ferros de valor.

Um dos reclames á festa era a exhibição dos saltadores landezes, que se apresentaram na arena dando apenas um d'elles um salto de *trascuerno* e sendo os outros obrigados a trabalhar pela auctoridade ante o protesto do publico, que não se contentava com o simples salto d'um dos landezes. Por fim tudo acabou bem, não fazendo isto, por fórma



AS FESTAS POPULARES DOS JOGOS OLYMPICOS



A festa popular dos jogos olympicos constou de corridas de peixeiros carregados com as respectivas canastras, corridas de velocidade por vendedores de jornaes e corridas de burros montados por barbeiros, que deviam fazer o percurso do ultimo concurso hippico e transpôr alguns obstaculos. Uma corrida de bicycle.



- 1—A corrida dos peixeiros no Velodromo
- 2—Seraphim Maria, o vencedor da corrida
- 3—A corrida dos vendedores de jornaes
- 4—Os vencedores das corridas dos vendedores de jornaes
- 5—O concurso de burros montados por barbeiros

tas, na extensão de 50 kilometros, fazia tambem parte d'essa festa sendo vencida pelo sr. Alberto de Albuquerque n'uma hora e trinta e oito minutos. As outras provas foram ganhas respectivamente pelos srs. Seraphim Maria, Manuel Eduardo e o barbeiro sr. Manuel Esteves.





1—A corrida de bicycletas. A largada do Campo Grande 2—Os concorrentes à corrida de bicycletas
 4—O vencedor da corrida de bicycletas sr. Alberto d'Albuquerque
 3 e 5—Episio los das corridas de burros: Os obstaculos 6—O barbeiro sr. Manuel Esteves, no burro
D. Crédito que venceu na corrida
 (Clichés de Benoliel)

A EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELLAS ARTES.

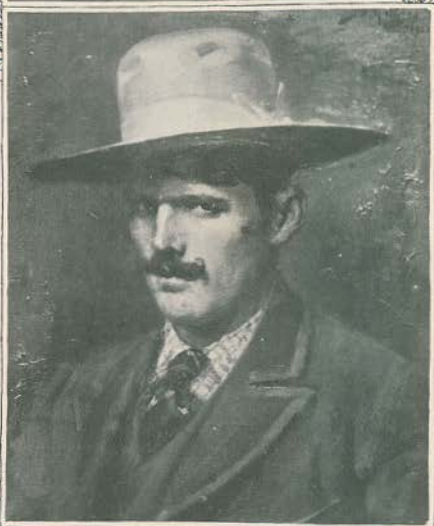


CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

Diante d'essa

exposição ha a idéa nitida d'uma canceira precoce a affligr aquellas almas moças, marca-se que da parte dos novos artistas aquillo foi feito por fazer, n'uma desillusão uns, sem entusiasmo outros, todos sem chamma que aqueça, sem audacia, quebrantadamente.

Das culpas já dissémos; se não as profundamos ao menos apontamol-as, mas justo é falar tambem um pouco dos temperamentos que sempre se revelam mesmo nas obras feitas de corrida, com o sentido no pão. Se não são todos elles primores, os trabalhos dos pintores de talento em luta pela vida, como Manet, ha pelo menos um traço, um vago claro, um tom, qualquer nota que revela as qualidades do artista e quando tudo isto falha surge pelo menos a idéa a resalvar as intenções, a dizer-nos o que pensa aquelle mediocre executante. E isto de se saber o que um homem pensa, n'um periodo de reforma e de conquista já é muito



—Um aspecto da exposição.
2—Retrato, pelo sr. José Malhóa.
3—Carneiros pastando, aguarela do sr. João Alves de Sá.

para avaliar da sua individualidade artistica.

Por aquella exposição de quadros, na sua maioria mal executados, não ficamos sabendo tambem quaes os pensamentos dos pintores. Uns, os paisagistas, parecem dizer-nos que amam a natureza, não como ella é feita, mas de poentes phantasticos, doidamente listrados das mais bizarras côres; outros, os retratistas, com raras excepções, parecem affirmar o culto das caras inexpres-



1—Bouense, por Sousa Pinto.
 2—Uma rua de Montachique, por Frederico Ayres.



sivas, quer as personagens estejam bebendo a sua chavena de chá, quer simplesmente dando a sua sessão diária ao pintor, o que se adivinha no tom massado de quasi todas aquellas physionomias; ainda outros affirmam o culto em alta escala da photographia banal colorida depois em tons errados. São estas as impressões da intellectualidade; encarando porém a execução, já o dissémos, com a ressalva dos auctores citados, só uma grande impressão de desalen-





- 1—L'Elé, por Sousa Pinto.
- 2—Retrato, por Horacio Tavares.
- 3—Velha brava, por David Estrella de Mello.
- 4—Um aspecto da exposição.

to nos deixou a exposição d'este anno.

Toda a boa vontade de que se possa encher quem ama a arte em todas as suas manifestações, e a deseja com um caracter pelo menos nacional, não pôde vibrar ante as obrinhas que enchem as paredes d'esse arremedo grotes-





co, parodia de *Salon*, que é a exposição. E' possível que o futuro nos revele algum grande pintor sabido dos novos expositores de hoje, mas isso seria a maior surpresa que elle nos podia fazer.

Para isso hão de aperfeiçoar-se, hão de mudar de idéas, começar a vêr a vida e a reproduzirl-a largamen-



—Depois das colheitas, por Julio Ramos. 2—Retrato, por Francisco Romano Esteves.
3—Retrato, por Henrique J. Sousa Tavares. 4—Camélias, por D. Margarida Costa.
5—Tempos antigos, por D. Adelaide Lima Cruz.

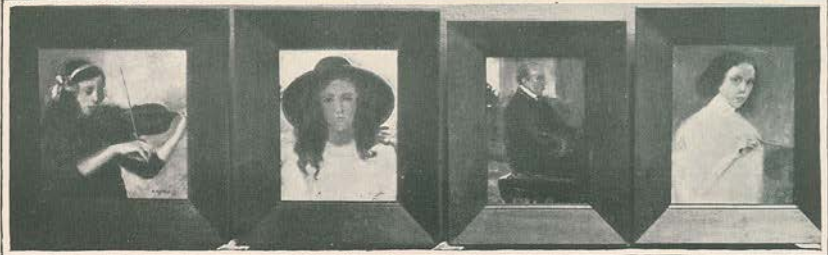


1— *Os humildes*, (trêde de arasto), esculpura de Julio Vaz Junior.

2— *Piloto*, busto por José Simões d'Almeida (Sobriedade) 3— *Garoto ao ar livre*, por Henrique Franco. 4— *Estudos*, por D. Amélia Rey Colaço.

te. E os velhos devem concorrer para nos darem a impressão de que entramos n'uma exposição artistica, o que d'esta vez não succedeu, mercê do jury, o qual, deixando encher aquellas paredes de quadros, fez com que ellas —apesar de serem seculares—nunca vissem tantos horrores.

R. M.



AS CORISTAS DO PORTO EM LISBOA NA REVISTA "ÁS ARMAS"



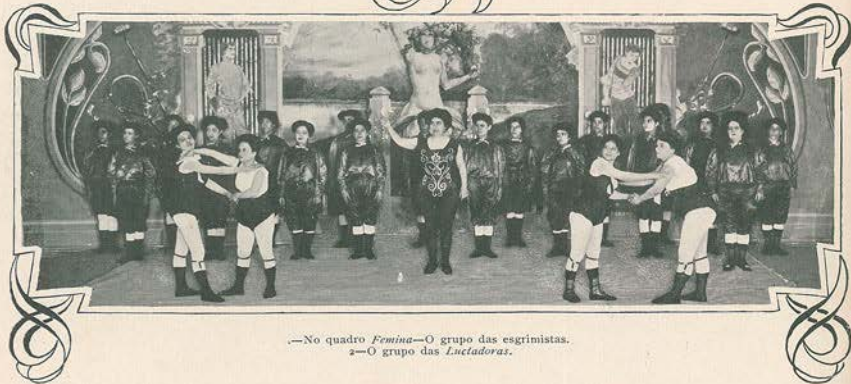
Referindo-se ao theatro, na sua execução plastica, vez alguma entro nós o escriptor do genero ou *dilettanti* se occupou com a devida pormenorização dos aparentemente secundarios elementos que n'elle são os corpos de coristas e figurantes. Nem ainda, tratando-se do theatro moderno, em que o conjunto dos contributivos factores animados e não animados sobreleva a especialidade actórica, scenographica, decorativa ou musical, tornando-as reciprocamente dependentes umas das outras, d'esses corpos se occupou o escriptor, para assignalalhes o logar—que o teem—e de responsabilidade, nem sempre, notemol-o, bem comprehendida e satisfeita.

Em soccorro do asserto nos veem reminiscencias d'uma representação a que assistimos, em D. Maria, da *Fedora*, pela companhia Vitaliani, em que as massas coraes, chamemos-lhe assim, animavam toda uma scena, carre-

gando-a das tragicas tintas com que haveria de fazer sobressahir-se a morte do estremecido da heroína, sem uma palavra unica, que lh'a não dizia o *papel*. Um gesto leve, a movimentação physionomica, e nada mais, bastaram para isso, dirigidos pela intelligencia do corista ou figurante que comprehendeu a situação ou resultantes do esforço do ensaiador e superioridade da disciplina que á sua ignorancia ou indifferença souberam arrancar mobilidades tão verdadeiramente expressivas.

Ainda depois outra representação nos recorda, pela Tina di Lorenzo, em D. Amelia, na *Theodora*, em que as massas de coristas e figurantes tinham importante relevo.

No acto da conspiração, por detraz do muro d'un jardim d'essa opprimida Bysancio, nas ruas que se adivinhavam uberes do protesto inflammado de todo um povo espoliado dos seus mais caros direitos e sagradas liberda-



—No quadro *Femina*—O grupo das esgrimistas.
2—O grupo das *Luctadoras*.



O termo de cornetas na scena final do 1.º acto

des, a multidão irritada pejava-as, ululante, phrenetica de vinganças, desesperadora de represalias. E essa multidão que enchia as ruas, os largos, que de longe vinha no seu vozear, passeando um cadaver, ao tanger dos cymbalos e sistros, tão bem era constituída pelo grupo invisível dos coristas, que a illusão se manifestava esmagadora, a produzir arrepios na platea attenta.

Grava-se de memoria um nome de artista, isolado por que destacado se viu das outras partes; aponta se-lhe defeitos ou qualidades; rende-se-lhe um preto ou consagra-se-lhe uma estima. Indica-se-lhe a realisação do papel, a forma de o visionar, de o compôr, na supposição de que só no artista encarnador de personagem programmatizado está a vida da obra que ao tablado se entregou.

E escriptor e critico, e ensaiador—este igualmente—não viram o corista e o figurante, não encontraram forma de aproveitar-lhes aptidões, deixando-os christallizados n'uma coisa imbecilmente para-

da, como que fazendo parte do mobiliario!

Significadas estas ligeiras observações, eis a sua razão de ser e justificação das gravuras que as acompanham, buscadas na representação da revista portuense *A's Armas!*, agora em scena com successo no theatro da Trindade, pela companhia do Carlos Alberto:

Uma exhibe o termo de cornetas, no 1.º acto. Não representa uma scena fingida: as coristas executam nas cornetas o que musicalmente lhes cabe; e aos esforços do maestro Paschoal Pereira, — muitos esforços, por certo, — é devido o brilhantismo do numero.

As restantes dão-nos uma curiosa lição de esgrima, outra de gymnastica sueca e outra de luta romana. Ensaaiadas por Ernesto Portulez, um dos nossos mais cuidadosos *metteurs-en scene*, o facto representa a extraordinaria tenacidade d'este senhor, o seu gosto e probidade artisticas.

Todas, indicam-nos a boa vontade e intelligencia d'essas anonymas collaboradoras do theatro, justificando ao mesmo tempo a utilidade na scena da corporação a que pertencem e quanto ella é digna das attenções do critico, do ensaiador e do publico.



O grupo da gymnastica sueca

(Clichés da phot. Fernandes)

A FESTA DAS ESCOLAS DOMINICAES NO PORTO



As escolas evangelicas do Porto e Gaya reuniram os seus alumnos no Palacio Crystal, o que formou um quadro encantador. Todos aquelles pequenitos seguravam bandeiras de diferentes paizes que iam movendo produzindo um bello effeito; as suas vozes alteavam-se em hymnos religiosos como o *Somos Peregrinos* que é enternecedor. Quando entoaram o *Hymno da Bandeira* foi um verdadeiro delirio resoando por fim os applausos bem como quan-

do os srs. Roberto Moreton e Alfredo da Silva, acabaram de pronunciar os seus discursos.

A Camara Municipal do Porto fez-se representar pelo vereador sr. dr. Germano Martins dando assim o seu apoio a essa festa de instrucção por todos os motivos digna de maior elogio.

As creanças desfilaram no meio do maior enthusiasmo cantando os seus hymnos escolares.



Aspectos da nave-central do Palacio de Crystal, por occasião da festa.